

SIGMUND

FREUD

OBRAS COMPLETAS VOLUME 19

**MOISÉS E O MONOTEÍSMO,
COMPÊNDIO DE PSICANÁLISE
E OUTROS TEXTOS
(1937-1939)**

TRADUÇÃO PAULO CÉSAR DE SOUZA

Copyright da tradução © 2018 by Paulo César Lima de Souza

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os textos deste volume foram traduzidos de *Gesammelte Werke*, volumes XVI e XVII (Londres: Imago, 1950 e 1941). Os títulos originais estão na página inicial de cada texto. A outra edição alemã referida é *Studienausgabe* (Frankfurt: Fischer, 2000).

Capa e projeto gráfico

Raul Loureiro / Claudia Warrak

Imagens das pp. 3 e 4, obras da coleção pessoal de Freud:

Ísis amamentando Hórus menino, Egito, 664-525 a.C., 21,5 cm

Amon-Rá, Egito, 716-332 a.C., 21,2 cm

Freud Museum, Londres

Preparação

Célia Euvaldo

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Huendel Viana

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freud, Sigmund, 1856-1939.

Obras completas, volume 19 : Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Título original: *Gesammelte Werke*

ISBN 978-85-359-3050-4

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 2. Psicanálise 3. Psicologia 4. Psicoterapia I. Título.

17-11191

CDD-150.1952

Índice para catálogo sistemático:

1. Sigmund, Freud : Obras completas : Psicologia analítica

150.1952

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

SUMÁRIO

ESTA EDIÇÃO 9

MOISÉS E O MONOTEÍSMO: TRÊS ENSAIOS (1939 [1934-1938]) 13

I. MOISÉS, UM EGÍPCIO 14

II. SE MOISÉS ERA UM EGÍPCIO... 27

III. MOISÉS, SEU POVO E O MONOTEÍSMO 78

PRIMEIRA PARTE 78

NOTA PRELIMINAR I 78

NOTA PRELIMINAR II 81

A. A PREMISSA HISTÓRICA 83

B. PERÍODO DE LATÊNCIA E TRADIÇÃO 94

C. A ANALOGIA 102

D. APLICAÇÃO 113

E. DIFICULDADES 130

SEGUNDA PARTE 143

RESUMO E RECAPITULAÇÃO 143

A. O POVO DE ISRAEL 145

B. O GRANDE HOMEM 148

C. O AVANÇO NA ESPIRITUALIDADE 154

D. RENÚNCIA INSTINTUAL 160

E. O CONTEÚDO DE VERDADE DA RELIGIÃO 169

F. O RETORNO DO REPRIMIDO 172

G. A VERDADE HISTÓRICA 176

H. A EVOLUÇÃO HISTÓRICA 181

COMPÊNDIO DE PSICANÁLISE (1940 [1938]) 189

[PREFÁCIO] 190

PARTE I — [A NATUREZA DO PSÍQUICO] 190

1. O APARELHO PSÍQUICO 190

2. TEORIA DOS INSTINTOS 195

3. O DESENVOLVIMENTO DA FUNÇÃO SEXUAL 199

4. QUALIDADES PSÍQUICAS 205

5. EXPLICAÇÃO COM BASE NA INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS 215

PARTE II — A TAREFA PRÁTICA 225

6. A TÉCNICA PSICANALÍTICA 225

7. UMA AMOSTRA DO TRABALHO PSICANALÍTICO 240

PARTE III — O GANHO TEÓRICO 256

8. O APARELHO PSÍQUICO E O MUNDO EXTERIOR 256

9. O MUNDO INTERIOR 270

ANÁLISE TERMINÁVEL E INTERMINÁVEL (1937) 274

CONSTRUÇÕES NA ANÁLISE (1937) 327

A CISÃO DO EU NO PROCESSO DE DEFESA (1940 [1938]) 345

**ALGUMAS LIÇÕES ELEMENTARES DE PSICANÁLISE
(1940 [1938])** 351

TEXTOS BREVES (1937-1938) 361

LOU ANDREAS-SALOMÉ [1861-1937] 362

CONCLUSÕES, IDEIAS, PROBLEMAS 363

UM COMENTÁRIO SOBRE O ANTISSEMITISMO 365

O ANTISSEMITISMO NA INGLATERRA 368

ÍNDICE REMISSIVO 371

ESTA EDIÇÃO

Esta edição das obras completas de Sigmund Freud pretende ser a primeira, em língua portuguesa, traduzida do original alemão e organizada na sequência cronológica em que apareceram originalmente os textos.

A afirmação de que são obras completas pede um esclarecimento. Não se incluem os textos de neurologia, isto é, não psicanalíticos, anteriores à criação da psicanálise. Isso porque o próprio autor decidiu deixá-los de fora quando se fez a primeira edição completa de suas obras, nas décadas de 1920 e 30. No entanto, vários textos pré-psicanalíticos, já psicológicos, serão incluídos nos dois primeiros volumes. A coleção inteira será composta de vinte volumes, sendo dezenove de textos e um de índices e bibliografia.

A edição alemã que serviu de base para esta foi *Gesammelte Werke* [Obras completas], publicada em Londres entre 1940 e 1952. Agora pertence ao catálogo da editora Fischer, de Frankfurt, que também recolheu num grosso volume, intitulado *Nachtragsband* [Volume suplementar], inúmeros textos menores ou inéditos que haviam sido omitidos na edição londrina. Apenas alguns deles foram traduzidos para a presente edição, pois muitos são de caráter apenas circunstancial.

A ordem cronológica adotada pode sofrer pequenas alterações no interior de um volume. Os textos considerados mais importantes do período coberto pelo volume, cujos títulos aparecem na página de rosto, vêm em primeiro lugar. Em uma ou outra ocasião, são reu-

nidos aqueles que tratam de um só tema, mas não foram publicados sucessivamente; é o caso dos artigos sobre a técnica psicanalítica, por exemplo. Por fim, os textos mais curtos são agrupados no final do volume.

Embora constituam a mais ampla reunião de textos de Freud, os dezessete volumes dos *Gesammelte Werke* foram sofrivelmente editados, talvez devido à penúria dos anos de guerra e de pós-guerra na Europa. Embora ordenados cronologicamente, não indicam sequer o ano da publicação de cada trabalho. O texto em si é geralmente confiável, mas sempre que possível foi cotejado com a *Studienausgabe* [Edição de estudos], publicada pela Fischer em 1969-75, da qual consultamos uma edição revista, lançada posteriormente. Trata-se de onze volumes organizados por temas (como a primeira coleção de obras de Freud), que não incluem vários textos secundários ou de conteúdo repetido, mas incorporam, traduzidas para o alemão, as apresentações e notas que o inglês James Strachey redigiu para a *Standard edition* (Londres, Hogarth Press, 1955-66).

O objetivo da presente edição é oferecer os textos com o máximo de fidelidade ao original, sem interpretações de comentaristas e teóricos posteriores da psicanálise, que devem ser buscadas na imensa bibliografia sobre o tema. Informações sobre a gênese de cada obra também podem ser encontradas na literatura secundária. Para questionamentos de pontos específicos e do próprio conjunto da teoria freudiana, o leitor deve recorrer à literatura crítica de M. Macmillan, F. Cioffi, J. Van Rillaer, E. Gellner e outros.

A ordem de publicação destas *Obras completas* não é a mesma daquela das primeiras edições alemãs, pois isso implicaria deixar várias coisas relevantes para muito depois. Decidiu-se começar por um período intermediário e de pleno desenvolvimento das concepções de Freud, em torno de 1915, e daí proceder para trás e para adiante.

Após o título de cada texto há apenas a referência bibliográfica da primeira publicação, não a das edições subsequentes ou em outras línguas, que interessam tão somente a alguns especialistas. Entre parênteses se acha o ano da publicação original; havendo transcorrido mais de um ano entre a redação e a publicação, a data da redação aparece entre colchetes. As indicações bibliográficas do autor foram normalmente conservadas tais como ele as redigiu, isto é, não foram substituídas por edições mais recentes das obras citadas. Mas sempre é fornecido o ano da publicação, que, no caso de remissões do autor a seus próprios textos, permite que o leitor os localize sem maior dificuldade, tanto nesta como em outras edições das obras de Freud.

As notas do tradutor geralmente informam sobre os termos e passagens de versão problemática, para que o leitor tenha uma ideia mais precisa de seu significado e para justificar em alguma medida as soluções aqui adotadas. Nessas notas são reproduzidos os equivalentes achados em algumas versões estrangeiras dos textos, em línguas aparentadas ao português e ao alemão. Não utilizamos as duas versões das obras completas já aparecidas em português, das editoras Delta e Imago, pois

não foram traduzidas do alemão, e sim do francês e do espanhol (a primeira) e do inglês (a segunda).

No tocante aos termos considerados técnicos, não existe a pretensão de impor as escolhas aqui feitas, como se fossem absolutas. Elas apenas pareceram as menos insatisfatórias para o tradutor, e os leitores e psicanalistas que empregam termos diferentes, conforme suas diferentes abordagens e percepções da psicanálise, devem sentir-se à vontade para conservar suas opções. Ao ler essas traduções, apenas precisarão fazer o pequeno esforço de substituir mentalmente “instinto” por “pulsão”, “instintual” por “pulsional”, “repressão” por “recalque”, ou “Eu” por “ego”, exemplificando. No entanto, essas palavras são poucas, em número bem menor do que geralmente se acredita.

P.C.S.

MOISÉS E O MONOTEÍSMO: TRÊS ENSAIOS (1939 [1934-1938])

TÍTULO ORIGINAL: *DER MANN MOSES UND DIE MONOTHEISTISCHE RELIGION: DREI ABHANDLUNGEN*. OS DOIS PRIMEIROS ENSAIOS FORAM PUBLICADOS ORIGINALMENTE EM DOIS NÚMEROS DE *IMAGO*, 23 (1) E (4), 1937. A PRIMEIRA EDIÇÃO COMO LIVRO SAIU EM AMSTERDAM: ALLERT DE LANGE, 241 PP. TRADUZIDO DE *GESAMMELTE WERKE* XVI, PP. 101-246. TAMBÉM SE ACHA EM *STUDIENAUSGABE* IX, PP. 455-581.

I. MOISÉS, UM EGÍPCIO

Privar um povo do homem celebrado como o maior dos seus filhos não é algo que se faça com prazer ou de forma leviana, ainda mais quando quem o faz pertence a esse povo. Mas nenhuma consideração desse tipo nos levará a preterir a verdade em favor de supostos interesses nacionais, e é lícito esperar que o esclarecimento de um conjunto de fatos resulte num ganho para o nosso conhecimento.

O homem Moisés, que para o povo judeu foi libertador, legislador e fundador da religião, pertence a uma época tão remota que não podemos evitar a questão preliminar de saber se ele foi uma personalidade histórica ou uma criatura lendária. Se realmente viveu, foi no século XIII, talvez no século XIV antes da nossa era; dele não temos outras informações exceto as contidas nos livros sagrados e nas tradições judaicas que nos chegaram em manuscritos. Não há certeza definitiva quanto a isso, portanto, mas a grande maioria dos historiadores sustenta que Moisés viveu realmente e que o êxodo do Egito, a ele associado, ocorreu de fato. Argumenta-se, com razão, que a história posterior do povo de Israel não seria compreensível se não aceitássemos esta premissa. A ciência de hoje tornou-se mais cautelosa, e lida com as tradições de modo bem mais indulgente do que no período inicial da crítica histórica.

A primeira coisa que nos chama a atenção, na pessoa de Moisés, é o nome: *Mosche*, em hebraico. Cabe perguntar de onde ele vem e o que significa. Como sabemos, o

relato que há no segundo capítulo do Êxodo já traz uma resposta. Ali se conta que a princesa egípcia que salvou o bebê abandonado no rio Nilo deu-lhe esse nome, com uma explicação etimológica: “pois eu o retirei da água”. Mas essa justificação é claramente insatisfatória. “A interpretação bíblica do nome, ‘o retirado das águas’”, considera um autor do *Jüdisches Lexikon* [Enciclopédia Judaica],¹ “é etimologia popular, com a qual não se harmoniza a forma hebraica ativa (‘Mosche’ pode significar, quando muito, ‘aquele que retira’).” Podemos lembrar dois outros motivos para concordar com essa rejeição: primeiro, não faz sentido achar que uma princesa egípcia tirou o nome do hebraico; segundo, a água de onde o menino foi retirado provavelmente não foi a do Nilo.

Há muito tempo, diferentes autores vêm manifestando a suspeita de que o nome Moisés é do idioma egípcio. Em vez de elencar todos os que se pronunciaram nesse sentido, citarei, traduzindo-a, a passagem relevante de um livro mais recente de J. H. Breasted,² autor cuja *History of Egypt* (1906) é considerada fundamental.

“É digno de nota que seu nome, Moisés, era egípcio. É simplesmente a palavra egípcia *mose*, que significa ‘filho’, e constitui a abreviação de formas mais completas como, por exemplo, Amon-mose, que significa ‘Amon-filho’, ou

¹ *Jüdisches Lexikon*, criado por Herlitz e Kirschner, v. IV, 1930, Berlim: Jüdischer Verlag.

² *The Dawn of Conscience* [A aurora da consciência], Londres, 1934, p. 350.

Ptah-mose, ‘Ptah-filho’, nomes que, por sua vez, são abreviações das frases ‘Amon (presenteou) um filho’, ou ‘Ptah (presenteou) um filho’. O nome ‘filho’ logo se tornou um substituto prático para o extenso nome completo, e não é raro encontrar a forma ‘Mose’ em monumentos egípcios. Certamente o pai de Moisés havia dado ao filho um nome que incluía o de um deus como ‘Ptah’ ou ‘Amon’, e esse nome divino gradualmente se perdeu no uso cotidiano, até que o menino foi chamado apenas ‘Moisés’ (o *s* final vem da tradução grega do Velho Testamento; tampouco pertence ao hebraico, em que o nome é ‘Mosche’).”

Apenas reproduzi a passagem literalmente, e de modo algum me disponho a partilhar todas as suas afirmações. Também me surpreende um pouco o fato de Breasted não haver mencionado justamente os nomes teóforos análogos que se acham na lista dos reis egípcios, como *Ah-mose*, *Thut-mose* (Tutmés) e *Ra-mose* (Ramsés).

Ora, seria de esperar que, entre os muitos estudiosos que reconheceram o nome de Moisés como egípcio, alguns tivessem tirado a conclusão ou, pelo menos, considerado a possibilidade de que o portador do nome era ele próprio um egípcio. No tocante à época moderna, não hesitamos em fazer tal inferência, embora nos dias de hoje uma pessoa não tenha só um nome, mas dois, o de família e o prenome, e embora mudanças de nome e adaptações não estejam excluídas nas circunstâncias mais recentes. Assim, não nos admiramos ao constatar que o escritor Adelbert von Chamisso é de origem francesa, que Napoleão Bonaparte, por outro lado, é de ascendência italia-

na, e que Benjamin Disraeli é mesmo um judeu italiano, como seu nome leva a crer. Em relação a épocas antigas, pensaríamos que a inferência da nacionalidade a partir do nome deveria ser mais confiável ainda, e até mesmo conclusiva. Pelo que sei, no entanto, nenhum historiador chegou a essa conclusão no caso de Moisés, mesmo entre aqueles, como Breasted, que admitem que Moisés “era familiarizado com toda a sabedoria dos egípcios”.³

Não é possível dizer com segurança o que os impediu de fazê-lo. O respeito pela tradição bíblica talvez fosse insuperável. A ideia de que Moisés podia não ser hebreu talvez lhes parecesse uma enormidade. De toda forma, verifica-se que a admissão do nome egípcio não é considerada decisiva para um julgamento sobre a origem de Moisés, e que não leva a outras conclusões mais. Se a questão da nacionalidade desse grande homem for vista como algo significativo, será desejável trazer material novo que contribua para uma resposta.

É o que pretende este meu breve ensaio. Se ele tem direito a um espaço na revista *Imago*, é porque o seu teor constitui uma aplicação da psicanálise. Sem dúvida, o argumento a que chegaremos só causará impressão naquela minoria de leitores familiarizada com o pensamento analítico e capaz de apreciar os seus resultados. Mas a esses leitores ele parecerá significativo, espero.

3 Op. cit., p. 334. Embora a suposição de que Moisés era egípcio tenha sido muitas vezes manifestada sem referência ao nome, dos tempos mais antigos à atualidade.

Em 1909, Otto Rank, ainda sob minha influência então, publicou, estimulado por mim, um trabalho com o título *O mito do nascimento do herói*.⁴ Aborda o fato de que

“quase todos os povos civilizados relevantes [...] glorificaram bem cedo, em poemas e sagas, os seus heróis, seus lendários reis e príncipes, criadores de religiões, fundadores de dinastias, reinos e cidades, em suma, os seus heróis nacionais. Dotaram de características fantásticas, em especial, a história do nascimento e da infância desses indivíduos, e a espantosa semelhança, até mesmo coincidência literal dessas características em povos diversos, às vezes muito distantes e independentes um do outro, há muito é conhecida e chamou a atenção de não poucos pesquisadores.”

Se, seguindo Rank e utilizando a técnica de Galton,* construirmos uma “lenda média” que destaque os traços essenciais de todas essas histórias, obteremos o seguinte quadro:

4 Editado por Franz Deuticke, quinto volume dos *Schriften zur angewandte Seelenkunde* [Textos de psicologia aplicada]. É algo distante da minha intenção diminuir o valor das contribuições independentes de Rank nesse trabalho.

* Referência às “fotografias sobrepostas de Galton, que, para identificar semelhanças entre parentes, fotografou vários rostos com a mesma chapa” (*Interpretação dos sonhos*, cap. IV). [As notas chamadas por asterisco e as interpolações às notas do autor, entre colchetes, são de autoria do tradutor. As notas do autor são sempre numeradas.]

“O herói é filho de pais *bastante nobres*, geralmente o filho de um rei.”

“Sua concepção é precedida de dificuldades, como abstinência, longa infertilidade ou relacionamento secreto dos pais, devido a proibições ou empecilhos externos. Durante a gravidez, ou já antes dela, ocorre um anúncio (em forma de sonho ou oráculo) prevenindo contra o seu nascimento, que quase sempre assinala um perigo para o pai.”

“Por causa disso, o recém-nascido é destinado ao abandono ou à morte, geralmente por ordem *do pai ou de quem o substitui*; normalmente o deixam *na água*, dentro de uma *caixa*.”

“Então ele é salvo por animais ou por *gente humilde* (como *pastores*) e amamentado pela *fêmea de um animal* ou por uma *mulher humilde*.”

“Tendo crescido, depois de muitas peripécias ele reencontra os pais nobres, *vinga-se* do pai, é *reconhecido* e conquista fama e grandeza.”

A mais antiga personalidade histórica associada a esse mito é Sargão de Agade, fundador do reino da Babilônia (por volta de 2800 a.C.). Para nós, tem interesse particular a citação do relato, atribuído a ele mesmo:

“Sou Sargão, o rei poderoso, o rei de Agade. Minha mãe era uma vestal, meu pai não conheci, e o irmão de meu pai habitava as montanhas. Na minha cidade de Azupirani, à beira do Eufrates, minha mãe, a vestal, engravidou de mim. Às escondidas ela me deu à luz. *Ela me pôs numa canastra de juncos*, tapou com piche as entradas e *me dei-*